

Presidente da CRB Nacional visita Mosteiro Nossa Senhora da Paz em São Paulo

Por Neusa Santos



A presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB Nacional), Irmã Maria do Disterro Rocha, visitou na manhã deste sábado o Mosteiro Nossa Senhora da Paz, em São Paulo. A presidente foi recebida pela Madre Marta e pela comunidade monástica, que acolheram a representante da CRB com simplicidade, alegria e espírito fraterno.

A visita foi vivida como um momento de profunda espiritualidade e comunhão entre os diferentes carismas presentes na Igreja. Durante o encontro, a presidente conheceu a rotina da comunidade, conversou com as irmãs e dialogou sobre a missão, os desafios e a beleza da vida consagrada, especialmente no contexto da vocação contemplativa.



Segundo a Irmã Maria do Disterro, a experiência foi marcada por proximidade e renovação espiritual. “Fomos acolhidos com muito carinho por Madre Marta e pela comunidade. Saímos felizes e renovados por esta experiência de comunhão”, afirmou. Ela também destacou a relevância histórica e espiritual do mosteiro para a cidade de São Paulo.

O encontro reafirma o compromisso da CRB Nacional em promover a unidade, fortalecer a missão das congregações religiosas e valorizar a diversidade de carismas que enriquecem a Igreja no Brasil.

Fonte: CRB

Ano Jubilar dos 60 anos é concluído pela Regional de São Paulo da CRB em Missa de Ação de Graças

Por Neusa Santos

A Conferência dos Religiosos do Brasil – Regional São Paulo celebrou, neste sábado, 22 de novembro, a Missa de Ação de Graças pelo encerramento do Ano Jubilar dos 60 anos da regional, reunindo religiosas e religiosos das diversas congregações presentes no estado. A celebração marcou o ponto alto de um ano dedicado à memória agradecida e ao reconhecimento da missão desempenhada

pela Vida Religiosa Consagrada em São Paulo, que, ao longo de seis décadas, se firmou como sinal de profecia, esperança e compromisso com os mais vulneráveis.



Durante a celebração, destacou-se a presença viva dos diversos carismas que atuam no estado, expressando a força transformadora da Vida Religiosa nas áreas da educação, saúde, pastoral, justiça socioambiental, defesa da vida e tantas outras frentes missionárias. O Ano Jubilar evidenciou a relevância da Vida Religiosa como presença profética que ilumina realidades desafiadoras e como testemunho de esperança em meio às complexidades do mundo atual.



A celebração contou com a presença especial da Irmã Maria do Desterro Rocha, presidente da CRB Nacional, que dirigiu palavras de estímulo e reconhecimento à regional. Em sua mensagem, a presidente expressou profunda gratidão pela caminhada da CRB-SP e destacou o trabalho conjunto que sustenta a missão: “Estes 60 anos da CRB Regional São Paulo são um testemunho vivo de fidelidade, serviço e dedicação. Que este jubileu abra novos caminhos de sinodalidade, criatividade missionária e coragem profética para toda a Vida Religiosa do estado”. Ela também enfatizou o papel fundamental da regional, reforçando a importância de suas equipes de trabalho: “Agradeço, na pessoa da coordenadora da regional, Irmã Ines, todos os serviços das equipes que dinamizam a Vida Consagrada nesta regional. Que possamos seguir unidas e unidos, atentos aos clamores do nosso povo e firmes na missão que o Evangelho nos inspira”.



Ao final, a coordenadora da CRB-SP expressou sua alegria e agradecimento pela participação da Vida Religiosa, reafirmando o compromisso de seguir promovendo encontros, formação, espiritualidade e articulação entre os carismas presentes no estado. O encerramento do Ano Jubilar dos 60 anos confirma a caminhada da regional como expressão de fé, gratidão e esperança, fortalecendo sua missão e presença profética.

Fonte: CRB

Família Marianista celebra jubileu na Casa da Mãe Aparecida

"Os marianistas são colaboradores de Maria para dar Jesus ao mundo", diz Dom Luiz Antônio Lopes Ricci em homilia durante missa dos 50 anos dos marianistas no Brasil

Escrito por Beatriz Nery



O Santuário Nacional acolheu com carinho os religiosos da Companhia de Maria que celebram 50 anos de presença no Brasil com uma missa no Altar Central neste sábado (22).

Celebrou esta eucaristia Dom Luiz Antônio Lopes Ricci, bispo de Itapetininga (SP) e membro da Comissão Episcopal para a Doutrina da Fé da CNBB, além dos religiosos marianistas e demais padres de outras dioceses que fizeram romaria até a Casa da Mãe.

O Jubileu marca meio século de missão no Brasil, formação e presença pastoral inspirada no carisma do Beato Pe. Guilherme José Chaminade. Ao longo desse período, os religiosos marianistas fortaleceram vínculos com dioceses, escolas e projetos sociais.

Quem são os Marianistas?

A Companhia de Maria nasceu em 1817, na França, após um longo caminho de discernimento e animação de comunidades leigas. O Beato Chaminade e a beata Adela de Batz de Tranquelléon impulsionaram o movimento que daria origem à vida religiosa marianista.



Reprodução

Hoje, a congregação reúne religiosos irmãos e sacerdotes, e religiosas Filhas de Maria Imaculada, popularmente chamadas de irmãs marianistas, que compartilham direitos, deveres e missão comum. Eles se apresentam como discípulos de Jesus e missionários de Maria, vivendo em comunidade e com atuação de forma integrada com a Igreja.

Pe. Victor Augusto Ferreira de Aguiar, SM, Diretor Pastoral do Colégio Chaminade, em entrevista ao A12, destaca que a presença no país sempre buscou se enraizar na formação de comunidades cristãs e na inspiração do “Sim de Maria”, modelo central da espiritualidade marianista.

“Representa celebrar a história e o legado marianista se encarnando em uma cultura. Como nos outros 30 países nos quais estamos presentes, a presença no Brasil deseja ser o sinal de testemunho e partilha do dom recebido pelo Beato Guilherme José Chaminade, nosso fundador, pois não é um dom para nós mesmos, mas para a Igreja e para o mundo.”

A educação Marianista nas formações religiosas

Em sua homilia, Dom Luiz Antônio demonstrou gratidão por ter sido educado pelos marianistas durante sua formação enquanto sacerdote.

“Por feliz coincidência eles chegaram pela Diocese de Bauru que é a minha diocese de origem a pedido do nosso querido bispo Dom Cândido Padin, de saudosa memória. Chegaram em 1975, e quis a divina providência que durante todo o meu tempo de estudo em Marília, no nosso seminário provincial, na província de Botucatu, os padres marianistas e também o Ir. Domingos foram meus professores em todos os anos de filosofia e teologia, excelentes professores. Quero agradecer de coração, aprendi muito com vocês”.



Reprodução/A12/TV Aparecida

Por ser Bauru um centro de ensino universitário, alguns irmãos começaram a trabalhar no ensino superior e em atividades pastorais, explica o Pe. Victor Augusto.

“Por mais de 20 anos, vários religiosos marianistas passaram pelas salas de aula como professores e grande parte dos cleros diocesanos tiveram os religiosos como professores”.

O Carisma da Família Marianista

A espiritualidade marianista se inspira no Mistério da Encarnação e encontra em Maria o modelo de vida cristã. Dom Luiz Antônio resumiu o carisma marianista em três aspectos:

- colaboradores de Maria para dar Jesus ao mundo: *“Somos discípulos e missionários, queremos levar Jesus aos outros, ser expressão de seu amor.”*

- servidores de Caná: *“Viemos aqui pedir a água viva que é Jesus, e que ele transforme a água em vinho, o vinho novo, o vinho da fé, o vinho que dá sentido a nossa vida”.*

- estar junto a Cruz de Jesus como Maria aos pés da Cruz: *“A oferta que Ela faz de Si mesma a Deus, movida pelo Espírito Santo”.*

Os Marianistas e o Santuário Nacional

O padre marianista também destaca que a devoção mariana do povo brasileiro aproxima ainda mais a família marianista da realidade local:

“O povo brasileiro tem uma grande devoção a Maria. Desta forma, encontramos na filiação materna de Maria o modelo de vida cristã: a mulher do sim, do silêncio e do serviço.”

Parafrazeando o nome da família marianista, Dom Luiz Antônio afirmou aos devotos da Mãe Aparecida: *“Todos nós queremos a companhia de Maria, mas eles são da companhia de Maria nos dois sentidos. E nós viemos aqui para o Santuário para que? Para agradecer a companhia de Maria em nossa vida”.*

A relação dos marianistas com o Santuário Nacional de Aparecida se fortaleceu ao longo das décadas. Algumas peregrinações marcaram datas simbólicas, como os 250 anos de nascimento do fundador e os 300 anos do encontro da imagem da Mãe Aparecida.

Com a criação do colégio, as romarias se tornaram anuais. Religiosos e estudantes percorrem o Caminho da Fé em uma experiência intensa de oração e crescimento humano.

“Estar na Casa da Mãe Aparecida é sempre um momento de graça e de devoção. Agradecemos sempre a acolhida e o apoio que o Santuário e os religiosos redentoristas dão a nós peregrinos”, alegre-se Pe. Victor Augusto.

Ao encerrar a sua reflexão, Dom Luiz Antônio agradeceu aos marianistas tudo que fazem pelos leigos na formação, as obras de caridade e a sensibilidade social.

“Peçamos a companhia de Maria, para que não falte o vinho novo, a água viva em nós e para que possamos também identificar as causas da nossa dor e buscar o remédio em Cristo nosso Salvador, nosso primeiro amor”.

Fonte: A12.com

Leão XIV: como Dorothy Day, transformar esperança em decisão e serviço



O Papa recordou, na Audiência Jubilar deste sábado (22/11), o que o caminho da esperança começa com um desejo que se torna decisão e pede coragem diante das injustiças. Inspirando-se no Evangelho e no testemunho de Dorothy Day, o Pontífice insistiu: Jesus trouxe o fogo que impele cada cristão a tomar posição e transformar indignação em comunhão.

Thulio Fonseca – Vatican News

Na Audiência Jubilar deste sábado, 22 de novembro, o Papa Leão XIV acolheu milhares de fiéis e peregrinos na Praça São Pedro. Na catequese, o Pontífice voltou ao núcleo da espiritualidade jubilar: a esperança como força que move e transforma, jamais como espera passiva.

Logo no início, o Papa recordou o significado da peregrinação e convidou todos a revisitar o momento interior que deu origem ao caminho: *“Para muitos de vocês, estar hoje em Roma é a realização de um grande desejo. (...) Alguma coisa, no início, se moveu dentro de vocês. (...) O*

próprio Senhor os tomou pela mão: um desejo e depois uma decisão. Sem isso, vocês não estariam aqui.”

“A quem muito foi dado, muito lhe será pedido”

Ao comentar o Evangelho proclamado, Leão XIV destacou as palavras exigentes que Jesus dirige aos discípulos mais próximos: “A quem muito foi dado, muito lhe será pedido; se a alguém muito se confiou, muito mais se exigirá.” Em seguida, o Pontífice aplicou o ensinamento à vida da Igreja:

“Também nós recebemos muito do caminho percorrido até aqui, estivemos com Jesus e com a Igreja e, mesmo que a Igreja seja uma comunidade com os limites humanos, recebemos muito. Então, Jesus espera muito de nós. É um sinal de confiança, de amizade. Ele espera muito, porque nos conhece e sabe que somos capazes!”

Esperar é tomar posição

O Papa retomou a imagem central da catequese: o fogo. “Jesus veio trazer o fogo: o fogo do amor de Deus na terra e o fogo do desejo nos nossos corações.” Esse fogo, explicou, desinstala e compromete:

“De certa forma, Jesus nos tira a paz, se pensarmos na paz como uma calma inerte. (...) Às vezes, gostaríamos de ser ‘deixados em paz’. (...) Não é a paz de Deus. A paz que Jesus traz é como um fogo e exige muito de nós.”

Por isso, insistiu Leão XIV, o discípulo não pode permanecer neutro: “Diante das injustiças, das desigualdades, onde a dignidade humana é pisada, onde aos frágeis é tirada a palavra: tomar posição. (...) Esperar é tomar posição.”

Dorothy Day e a esperança que se torna ação

Como modelo espiritual, o Papa evocou na catequese deste sábado a jornalista e ativista norte-americana Dorothy Day: “Ela tinha o fogo dentro de si. (...) Compreendeu que o sonho para muitos era um pesadelo, que como cristã devia se envolver com os trabalhadores, com os migrantes, com os descartados por uma economia que mata.”

Leão XIV destacou a capacidade de Dorothy de unir reflexão e serviço: “É importante unir mente, coração e mãos. Isso é tomar posição.” E ainda: “Ela escrevia como jornalista, ou seja, pensava e fazia pensar. (...) E também servia refeições, dava roupas, vestia-se e comia como aqueles a quem servia.” O Papa recordou ainda o impacto de sua obra: “Dorothy Day envolveu milhares de pessoas. Abriam casas em muitas cidades, em muitos bairros... não grandes centros de serviços, mas pontos de caridade e justiça onde se chamavam pelo nome, se conheciam um a um e transformavam a indignação em comunhão e ação.”

Reavivar a chama da esperança

Ao concluir sua reflexão, Leão XIV fez um forte apelo: “É assim que são os operadores da paz: tomam posição e assumem as consequências, mas seguem em frente”, e completou:

“Esperar é tomar posição, como Jesus, com Jesus. O seu fogo é o nosso fogo. Que o Jubileu o reavive em nós e em toda a Igreja!”

Fonte: Vatican News

Papa: a identidade cristã é fundamento da missão educativa



Videomensagem do Papa Leão XIV aos participantes do Congresso “Sem identidade não há educação” que se realiza neste sábado, 22 de novembro, no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho em Madri.

Vatican News

“A identidade cristã não é um selo decorativo ou um ornamento, mas o próprio núcleo que dá sentido, método e propósito ao processo educativo”, são palavras do Papa Leão XIV aos educadores

reunidos em Madri em um Congresso neste sábado (22/11) ao comentar o tema do encontro: “Sem identidade não há educação”. Após afirmar que “para a educação cristã, a bússola é Cristo”, o Santo Padre esclarece: “sem a Sua luz, a própria missão educativa se esvazia de significado e se torna um automatismo sem aquela capacidade transformadora que o Evangelho nos oferece”.

A identidade é fundamento da missão educativa

A identidade cristã, continuou, “é o fundamento que articula a missão educativa, define o seu horizonte de significado e orienta as suas práticas cotidianas, tanto na maneira de ensinar quanto na de avaliar e agir”. Sem a identidade adequada, esta “corre o risco de se tornar um ornamento superficial que não consegue sustentar o trabalho educativo diante das tantas tensões culturais, éticas e sociais que caracterizam o nosso tempo de polarização e de violência”, disse ainda o Papa.

Uma educação autêntica promove a integração entre a fé e a razão

Citando a poeta María Zambrano, que afirma “a nossa alma é atravessada por sedimentos de séculos, as raízes são maiores do que os ramos que veem a luz”, Leão convida a refletir sobre estas palavras, orientados com esperança para o futuro, sem esquecer a nossa história, com a qual devemos aprender com sabedoria”. Prosseguindo seu pensamento afirma: “Uma educação autêntica, portanto, promove a integração entre a fé e a razão. Não são polos opostos, mas caminhos complementares para compreender a realidade, formar o caráter e cultivar a inteligência”.

Função materna da Igreja

Se olharmos a Igreja mais de perto, diz ainda o Papa Leão, recordando o Vaticano II, “na sua missão educativa, redescobre a sua própria função materna. Ela é a mãe geradora dos crentes, porque é a esposa de Cristo”. “Quase todos os documentos conciliares”, recorda o Papa, “recorrem à maternidade da Igreja para revelar o seu mistério e a sua ação pastoral”. Aos educadores disse ainda: “Isso acontece todos os dias nas vossas escolas, abertas ao diálogo e ao encontro entre as diferenças. Nelas, a educação torna-se um instrumento de paz e de cuidado com a criação”.

Gravissimum educationis

Em seguida sugere a leitura da Gravissimum educationis pela sua atualidade e visão de futuro apesar dos muitos anos passados. Pois no documento, “exortou-se a Igreja a ‘ocupar-se da vida inteira do homem, incluindo a terrena, enquanto esta está conectada com a vocação sobrenatural; ela tem, portanto, um dever específico em relação ao progresso e ao desenvolvimento da educação’”.

Ação educativa da Igreja

O Papa concluiu sua mensagem afirmando ainda “desta forma, o ícone da Igreja Mãe apresenta-se a nós não só como expressão de ternura e de caridade, mas também como aquela que salvaguarda esta capacidade de ser guia e mestra”. Pois ela tem mais de uma tarefa: “gerar filhos, educá-los e governá-los, guiando com materna providência a vida dos indivíduos e dos povos, cuja grande dignidade sempre teve no máximo respeito e tutelou com solicitude”. Por fim afirmou “a ação educativa da Igreja é parte essencial da sua identidade e da sua missão”.

Fonte: Vatican News

Doações enviadas pelo Papa Leão XIV chegaram à Ucrânia

Chegou ao destino, nos últimos dias, o caminhão carregado de roupas, cobertores e bens de primeira necessidade enviado por Leão XIV a Kharkiv, uma das cidades ucranianas mais atingidas pela guerra. A iniciativa fez parte do Jubileu dos Pobres, celebrado no Dia Mundial dos Pobres, no último dia 16 de novembro. Trata-se de mais um gesto de proximidade por parte do Papa que, seguindo o caminho iniciado durante o Pontificado do Papa Francisco, encarregou a Esmolaria Apostólica de atender às urgências da população que há anos sofre gravemente. “Infelizmente todos os dias — disse o Santo Padre na última terça-feira, 18 de novembro, em Castel Gandolfo, ao encontrar os jornalistas — pessoas estão morrendo. É preciso insistir pela paz”, começando pelo cessar-fogo para então iniciar o diálogo.



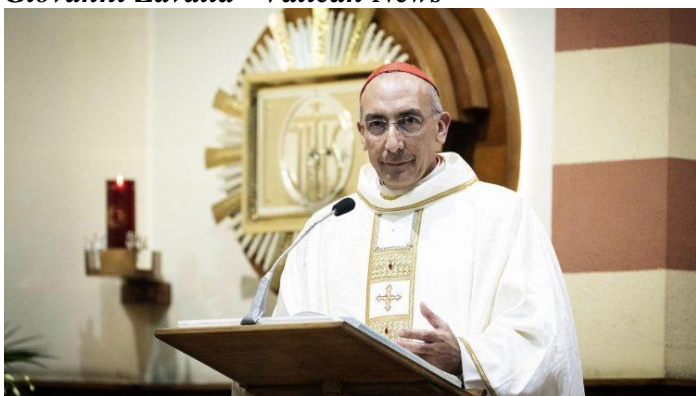
As doações do Papa foram descarregadas em Kharkiv

Fonte: Vatican News

Cardeal Reina aos jovens: vamos nos afastar das lógicas do ódio

Na Basílica de São João de Latrão, centenas de jovens se reuniram na sexta-feira (21/11) à noite para dar continuidade à vigília de oração de agosto iniciada em Tor Vergata, em Roma. Na conclusão do encontro, o anúncio: o Papa Leão XIV receberá os jovens da diocese de Roma em audiência em 10 de janeiro de 2026.

Giovanni Zavatta - Vatican News



No dia 10 de janeiro de 2026, o Papa Leão XIV receberá em audiência os jovens da diocese de Roma: a boa notícia, acolhida por um longo aplauso, foi dada no final da noite (pouco depois das 23h) pelo padre Alfredo Tedesco, diretor do Gabinete diocesano para a pastoral juvenil. A "Noite na Catedral", convocada na basílica de São João de Latrão pelo cardeal vigário-geral para a diocese de Roma, Baldassare Reina, não poderia ter terminado de melhor forma, na véspera da Jornada Mundial da Juventude que será celebrada neste domingo, 23 de novembro, solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo.

A diocese e os jovens

Uma noite para dar continuidade à vigília de oração de agosto iniciada em Tor Vergata, presidida pelo Pontífice, a fim de alimentar um fio ininterrupto de conhecimento e amizade. “Gostaria de continuar até o amanhecer, mas é preciso ir dormir”, concluiu Reina, visivelmente feliz, anunciando que esta experiência será repetida e lançando novas iniciativas, como a (data cogitada: 24 de junho, Natividade de São João Batista) de reunir os jovens da diocese dentro e fora da basílica.

Não perder a esperança

“Ver o bem que existe, como aqui, esta noite, reforçá-lo, replicá-lo, numa pedagogia de olhares positivos feita de fraternidade, para percorrer outro caminho, fazê-lo nosso, distanciar-se da lógica do ódio e da violência, e dizer que isto não, não nos pertence”: assim respondeu pouco antes o cardeal vigário à pergunta de **Ester**, da paróquia de São Policarpo, que lhe perguntava “como podemos pôr fim à maldade que nos rodeia sem nos desanimarmos, sem perdermos a esperança”. Ester, tal como antes Francesca, Sofia, Elisa. Foram eles, os jovens, os protagonistas desta "Noite na Catedral": a passagem da Porta Santa, a catequese e o diálogo com o cardeal Reina, a adoração eucarística animada pelo Coro da diocese de Roma, dirigido por Mons. Marco Frisina, e as confissões. Momentos vividos ajoelhados,

em oração, em intenso recolhimento, para aquecer os corações e afastar o frio repentino que se abateu sobre Roma durante a tarde. “Esta noite, aqui, dizemos que estamos do lado de Jesus, que é este o desejo que levamos no coração, a bem-aventurança que Deus preparou para nós, só para nós”, disse o purpurado na catequese: “Devemos acreditar na paz, na solidariedade. Não se preocupem em ir contra a corrente, em anunciar uma história que outros querem escrever com os instrumentos da violência. Deus se entrelaça com a nossa vida, continuamente, é Deus que nos impulsiona a ir em frente, para além dos problemas, dos fracassos, das frustrações. Ele nos diz ‘Tu és bem-aventurado!’. Ele nos infunde confiança: sem este projeto de vida, tudo corre o risco de ser insignificante”.

A oração como diálogo

A **Elisa**, da paróquia de Santa Sílvia no bairro Portuense, que lhe pergunta como alimentar a esperança através da oração, Reina responde sublinhando a importância de vivê-la como “um diálogo contínuo, espontâneo com Deus que nos escuta, na igreja, em casa, na rua”. A oração como diálogo “aberto, livre, verdadeiro”, exercício quotidiano da Palavra de Deus ao qual se deve confiar as coisas importantes da própria existência, do qual se deve tirar a força no momento da provação. A **Francesca**, da paróquia do Preciosíssimo Sangue bairro Tor di Quinto, o cardeal vigário diz que as escolhas importantes nunca devem ser feitas apressadamente, na onda das emoções: “Escutem-se primeiro, confrontem-se com Deus, também através de um pai espiritual capaz de vos ajudar, de vos corrigir”. “E depois, cerquem-se de amigos verdadeiros com os quais, iluminados pela fé, sereis capazes de encontrar onde a maravilha repousa e que a resposta está no fundo do vosso coração”. E a **Sofia**, da paróquia de Santa Maria Rainha da Paz em Ostia, que lhe confia as angústias dos rapazes e adolescentes, a sua busca por vezes acidentada de sentido, o purpurado entrega a imagem dos jovens na paróquia, a sua felicidade contagiante, a sua força atrativa. É juntos, numa comunidade mesmo que pequena, capaz de nunca julgar, mas de acolher sempre, que dificuldades e medos podem ser enfrentados sem ficarem sozinhos: amigos de Deus que ali encontram a resposta para todas as suas perguntas.

Fonte: Vatican News

Cardeal Gugerotti: somente o diálogo franco pode abrir para a esperança

O prefeito do Dicasterio para as Igrejas Orientais comenta à mídia do Vaticano os objetivos de suas recentes missões na Belarus e Romênia. “É sempre necessário um confronto sincero para desarmar as tensões”, declara o cardeal Claudio Gugerotti, comentando a libertação de dois sacerdotes por parte do governo de Belarus.

Stefano Leszczynski – Vatican News



Ao expressar profunda alegria pela libertação na Belarus dos padres Henryk Akalotovich, pároco da igreja de São José em Valozhyn, e Andrzej Yuchniewicz, dos Missionários Oblatos de Maria Imaculada (OMI), que servia no santuário diocesano de Nossa Senhora de Fátima em Shumilino, a Conferência Episcopal Bielorrussa, em um comunicado oficial, manifestou a sua “gradidão a todos aqueles que contribuíram” para o bom êxito do caso judicial.

O enviado do Papa na Belarus

Os bispos bielorrussos dirigiram, em particular, um sentido agradecimento ao cardeal Claudio Gugerotti, que em outubro deste ano viajou em visita ao país como Enviado especial do Papa Leão XIV. Na mensagem, é recordada a longa amizade do purpurado com o povo bielorrusso, que remonta ao período em que ele ali serviu como Núncio Apostólico. A visita do cardeal Gugerotti “deu um impulso positivo a novos contatos – lê-se na nota –, um resultado importante dos quais foi a decisão do Presidente da República da Belarus, em sinal de misericórdia e respeito pelo Papa, de conceder a graça e libertar os dois sacerdotes católicos que estavam cumprindo pena na prisão local”.

Uma missão essencialmente religiosa

“Eu fui a Belarus – explica o Prefeito para as Igrejas Orientais – a pedido do Papa, em primeiro lugar, para participar das celebrações do Centenário da diocese de Pinsk. Uma experiência belíssima porque me permitiu sentir o coração espiritual dos católicos do País. A outra coisa muito interessante – prossegue o cardeal – foi a possibilidade de me encontrar também com algumas autoridades para poder falar com franqueza sobre a situação internacional, porque o nosso interesse diplomático é o de sempre contextualizar um encontro para que não seja apenas um pedir, mas seja também um deter-se numa visão global que pode ser útil para entender como nos mover num contexto mais amplo”.

A ação diplomática da Santa Sé

“Neste âmbito, apresentei pedidos que receberam atenção e sentimos que devemos agradecer por esta libertação dos dois sacerdotes. Esperamos poder avançar com outras realizações. No momento, o que mais preocupa é a tensão altíssima que se respira nas fronteiras com a União Europeia e que potencialmente representa um estopim muito perigoso”.

A importância do diálogo

O cardeal Claudio Gugerotti recorda como muito importante e formativo o longo período passado na Belarus na qualidade de Núncio Apostólico, quase 5 anos em que teve de confrontar-se com temáticas muito sensíveis tanto a nível internacional quanto humanitário. “Criou-se uma confiança recíproca que permite dialogar com franqueza mesmo a partir de posições diferentes, mas temos sempre a garantia de sermos levados a sério”. E no plano geopolítico – prossegue – “o ato de pôr em evidência os possíveis contributos que se podem dar a um processo de pacificação é sempre muito importante, tendo em conta o fato de que, neste momento, tudo existe, exceto uma sensação de pacificação”.

Superar as feridas do passado

Falando sobre a sua viagem à Romênia para a entronização do Arcebispo Mor greco-católico, celebrada na catedral de Blaj, o Prefeito para as Igrejas Orientais sublinha a importância de saber encontrar os caminhos que levam à superação dos momentos mais dolorosos da história contemporânea. “Os atuais bispos romenos foram quase todos formados no Pontifício Colégio Pio Romano, e a qualidade do clima educativo que respiraram levou a uma abertura que complementa o quadro daquele ‘testemunho dos mártires’ que caracterizou a geração precedente. A memória dos mártires coexiste com a importância de olhar serenamente para o mundo e para o estilo de hoje”.

As relações com o mundo ortodoxo

Sabemos que, na época do comunismo, a relação entre os greco-católicos e os ortodoxos sempre foi muito tensa, inclusive devido à instrumentalização política do regime e à perseguição contra aqueles que escolheram a união com Roma. “Quando o regime caiu, estes assuntos ainda eram tabu, ainda havia muitos esqueletos no armário”, explica o cardeal Gugerotti, que, contudo, sublinha que atualmente as coisas estão mudando. “O fato de, no final de setembro, o Presidente da República ter comparecido ao funeral do Arcebispo Mor, o cardeal Lucian Mureșan, que foi o último das grandes testemunhas da perseguição, demonstra que houve um reconhecimento dos erros sofridos pelos greco-católicos. E a admissão explícita deste fato por parte do Presidente foi um fator de grande importância. Falou-se de evidente injustiça e da vontade de reparar. A outra coisa é que, em todos estes acontecimentos, esteve sempre presente um representante do Patriarca Ortodoxo. Os bispos greco-católicos compreenderam que muitas das igrejas confiscadas na época do comunismo não serão restituídas. É importante que o Estado se comprometa a contribuir para construir os novos edifícios necessários. Não menos importante, pela primeira vez, na carta de felicitações ao novo Arcebispo Mor, a Igreja Ortodoxa utilizou o título que lhe compete, ou seja, o de Beatitude, que é, aliás, também o que se usa para o chefe da Igreja Ortodoxa”.

Mudanças significativas

O Cardeal Gugerotti sublinha a importância de saber captar os muitos pequenos sinais que chegam da Romênia: “Quando a situação é móvel, exige de nós também olhos novos para podermos percorrer novos caminhos”. O purpurado faz referência, por exemplo, ao fato de o Estado ter dedicado o ano em curso à memória do cardeal Iuliu Hossu, grande testemunha da fé, que também foi preso e perseguido pelo regime. Ele foi nomeado cardeal por São Paulo VI, mas a nomeação permaneceu “*in pectore*”, porque isso teria implicado o seu afastamento da Romênia, e ele quis permanecer até à morte para servir a sua Igreja. “O fato de figuras deste calibre se tornarem um emblema celebrado e publicamente honrado para a comunidade nacional de esmagadora maioria ortodoxa parece-me um fato

significativo. Além disso, com o forte apoio da comunidade judaica local, inclusive junto às instituições políticas”.

Fonte: Vatican News

Os 60 anos da “Nostra aetate”, da semente a uma grande árvore de esperança

O seminário sediado pela Universidade Santa Cruz, em Roma, pelo aniversário do documento conciliar contou com participantes de muitos países e representantes de diferentes religiões. O cardeal Koovakad: o diálogo inter-religioso precisa de mais espaço no cenário internacional; o espírito da Declaração é muito importante também nos atuais processos de paz.

Monika Stojowska r d. Paweł Rytel-Andrianik – Vatican News



“O diálogo inter-religioso precisa de mais espaço no cenário internacional, no processo de criação de estratégias de ação, porque a religião tem um papel importante a desempenhar”. Quem fala à mídia do Vaticano é o cardeal George Koovakad, prefeito do Dicastério para o Diálogo Inter-religioso, que nestes dias interveio no seminário internacional “Nostra aetate 60 anos depois”, organizado em Roma na Pontifícia Universidade Santa Cruz nos dias 18 e 19 de novembro, com a presença de representantes de várias religiões provenientes de muitos Países. Além da universidade pontifícia, o evento contou com a colaboração do Instituto Universitário Abarbanel de Buenos Aires, juntamente com o Centro para as Relações Católico-Judaicas Abraham J. Heschel da Universidade Católica João Paulo II de Lublin e a Embaixada da Argentina junto à Santa Sé

A religião move corações

Judeus, muçulmanos, budistas e católicos debateram sobre o papel que a religião desempenha e a sua capacidade de influenciar ações e emoções em direção à paz. Os participantes da conferência também tiveram a oportunidade de visitar a Grande Sinagoga, localizada no antigo bairro judeu, e a Grande Mesquita de Roma. Durante os trabalhos do seminário, o debate se concentrou, entre outros temas, no impacto que a Declaração “Nostra Aetate” do Vaticano II pode ter sobre o aspecto da reconciliação. “Todos os conflitos e outros problemas estão enraizados na falta de paz, justiça e reconciliação. Os líderes religiosos têm um papel muito importante a desempenhar no mundo, porque podem contribuir para construir a paz”, observou Philip Goyret, professor da Santa Cruz e co-organizador do seminário internacional.



A intervenção do cardeal Koovakad no seminário

Grandes figuras de reconciliação

Hiroshi Munehiro Kiwano — neto de Nikkyō Niwano, que, a convite de Paulo VI, participou da criação da declaração *Nostra Aetate* — compartilhou as memórias e a mensagem de seu antepassado. “Os cristãos”, disse, “rezam pelos budistas e os budistas rezam pelos cristãos; precisamos de mais dias como este no futuro”. Outras figuras importantes que contribuíram para a criação do documento conciliar também foram lembradas. “O rabino Abraham Joshua Heschel, juntamente com o cardeal Augustine Bea, foram figuras-chave na condução do diálogo cristão-judaico durante o Concílio Vaticano II”, lembrou o rabino Ariel Stofenmacher, reitor do Seminário Rabínico Latino-Americano de Buenos Aires e fundador do Instituto Universitário Isaac Abarbanel. O rabino definiu o seminário como “um claro testemunho da profunda confiança que se desenvolveu entre a Igreja Católica e o Judaísmo nos últimos sessenta anos. Esta relação amadureceu graças ao envolvimento de Papas e rabinos no aprofundamento do diálogo”.

A misericórdia que une as pessoas

O Imame Nadir Akkad da Grande Mesquita de Roma expôs os princípios fundamentais do Islã e o seu papel na sociedade. Ele destacou que a palavra “misericórdia”, tão frequentemente presente no Alcorão, também está presente em outras religiões e une as pessoas. Ao responder a perguntas, observou ainda que os “muitos preconceitos sobre o Islã” existem “porque as pessoas conhecem esta religião pelos jornais e não leram o Alcorão”, incentivando, em vez disso, a aprofundar cada fé com base nas fontes.

Nostra Aetate, documento inovador e atual

A síntese do simpósio veio com a intervenção do cardeal Koovakad, em uma análise da situação mundial do diálogo inter-religioso. “Há mais de meio século”, afirmou, “foi lançada uma semente de esperança para o diálogo inter-religioso. A vossa presença hoje é um testemunho de que esta semente se tornou uma árvore alta com magníficos ramos. O espírito da Declaração *Nostra Aetate* é hoje mais necessário do que nunca”. Segundo o purpurado, a *Nostra Aetate*, fruto da colaboração com representantes de muitos credos, promoveu o compromisso com o diálogo, destacando-se como um documento inovador de importância mundial.

Fonte: Vatican News

As "mil Ave-Marias", uma antiga devoção mariana

A oração da Ave-Maria, que nasceu no Ocidente entre os séculos XIV e XV e foi difundida entre os armênios, graças ao Servo de Deus, abade Mechitar, ainda existe na Ordem Mechitarista dos Padres Armênios, em Veneza, e em algumas aldeias católicas armênias na Geórgia.

Padre Kevork Sarkissian, OMM



O abade Mechitar e Nossa Senhora

No percurso da vida há sinais indicativos, que designam o caminho certo. Para os que pertencem à Igreja de Cristo, o próprio Deus deu uma Mãe para guiar, ensinar e acompanhar todos ao longo de suas vidas, pois, sem esta Mestra amorosa, o homem pode se perder. A maternidade da Virgem Maria é uma graça indefinível para todos os cristãos que a acolhem filialmente. Em 1970, o Papa São Paulo VI, em um discurso, no santuário de Bonaria, Sardenha, disse: “Se quisermos ser

chamados cristãos, devemos ser marianos, ou seja, devemos reconhecer a relação essencial, vital e providencial, que une a Virgem Maria a Jesus, que nos abre o caminho que conduz a Ele”.

Do Ocidente ao Oriente

O Servo de Deus, Abade Mechitar (1676-1749), fundador da Ordem Mechitarista e renovador do monasticismo armênio, foi um dos promotores da devoção mariana, sobretudo, a oração do Santo Rosário, entre os povos do mundo oriental. Assim, em 1735, publicou, em língua armênia, o *Tetrak Rosari* ou *Caderno do Rosário*.

Mechitar, "grande entre os grandes", como o descreveu o escritor armênio, Shavarsh Narduni, consagrou a sua Congregação à Santíssima Virgem Maria, quando a fundou em 1700. O biógrafo de Mechitar, Padre Stepanos Akonz, em seu livro intitulado "*História da vida e obras de Mechitar de Sebaste*", define assim a identidade da sua Ordem: "Ao sair da oração, repletos de consolação divina, unidos, uns aos outros, no Senhor e com seu superior e, em unísono, num só corpo e numa só alma, estiveram unidos no serviço ao Senhor e à sua Mãe. Desde então, pela graça da Santíssima Virgem, passaram a adotar a seguinte inscrição, como próprio sigilo, em quatro letras iniciais: "Filhos adotivos da Virgem, Mestres (*Vardapet*) da Penitência Ω . Υ . Ψ . Ξ ., que indicam o carisma específico da Ordem fundada por intermédio da Bem-aventurada Virgem Maria". A vida peregrina e os hinos do Fundador são um bom exemplo de seu amor e devoção filial mariana.

A visão da Virgem

Esta materna proteção começara já em 1692, quando Mechitar, ainda jovem diácono, estava no mosteiro de Sevan, Armênia, onde recebera o dom de uma visão da Virgem Maria, que lhe perguntou: "O que você quer, Mechitar?" E ele respondeu: "O que a Senhora quiser". E a Mãe acrescentou: "Assim seja". Eis o ponto central da devoção mariana de Mechitar, como explica o Padre Stepanos Akonz: "Desde então, a imagem maravilhosa desta visão jamais se dissipou em sua mente e sempre a tinha diante dos olhos da mente em todas as suas orações. Para ele, esta imagem sempre foi também uma consolação diante de todos os sofrimentos e tribulações, pelos quais passou em sua vida". Mas, o carisma e o coração do pensamento e da vida de Mechitar sempre foram cristocêntricos, como ele mesmo explica em seu testamento espiritual, na introdução do *Dicionário* armênio: "Desde o início, a minha missão e a da nossa Congregação sempre foi estar a serviço do povo armênio e da glória de Cristo nosso Deus, bendito para sempre”.

Maria, presente "sempre e em todo lugar"

Assim, Mechitar mantinha a Virgem Maria presente sempre e em todo lugar. Ele ensinou aos seus seguidores a *Oração da Ave-Maria*, que aprendera, ainda criança, com dois monges do eremitério de Lim, uma ilha no Lago Van, hoje na Turquia. Como escreve o Padre Torossian, os dois eremitas deixaram "nada mais que os exemplos de virtude e o bom costume de rezar, todos os dias, esta *Saudação angélica*". Desde então, a piedade mariana passou de Mechitar aos Mechitaristas e, através deles, de seu exemplo constante e da publicação de seus textos, difundiu-se entre o povo, até os dias de hoje.

A antiquíssima devoção das "*Mil Ave-Marias*" nasceu no Ocidente, entre os séculos XIV e XV. Segundo a tradição, na noite de Natal de 1445, enquanto Santa Catarina de Bolonha recitava as *Mil Ave-Marias*, recebeu a aparição da Virgem Maria com o Menino Jesus, que lhe concedeu a graça de segurar o Menino Jesus em seus braços, por quinze minutos. Esta devoção mariana de rezar "*Mil Ave-Marias*" continuou com as Filhas da Santa, no Mosteiro de Corpus Christi, até certo ponto da história.

Uma devoção que continua

Hoje, esta devoção mariana continua ainda entre os Padres Mechitaristas e em algumas aldeias católicas armênias na Geórgia. A tradição local da aldeia é a seguinte: "Todas as famílias, das crianças aos idosos, reúnem-se e se ajoelham e rezam esta piedosa oração, sobretudo, em preparação ao Santo Natal. A família, que os Padres do Concílio Vaticano II chamam "igreja doméstica", ainda existe no Extremo Oriente". Este Rosário meditativo-afetivo, sensível e materno, destaca quatro características de Maria: Mãe, dar à luz, amamentar e beijar seu Filho. Desta forma, Jesus, na totalidade do amor materno de Maria, é envolvido pelo abraço, nutrido com leite puro e, por fim, acariciado com seu santo beijo.

As dezenas do Rosário

O Santo Rosário tem início no dia 29 de novembro e termina com as "*Mil Ave-Marias*" em 23 de dezembro, ou seja, durante todo o período de Advento. No entanto, em 24 de dezembro, véspera de

Natal, são contemplados os Mistérios Gozosos. A oração mariana divide-se em 25 dias: 40 Ave-Marias em cada dia, com um acréscimo especial para cada dezena. Na tradição armênia, este número de Ave-Marias também é chamado “Rosário de Ouro”, que os fiéis recitam, até hoje, nas festas marianas, ao longo do Ano litúrgico.

Para cada dezena, acrescenta-se, a cada Ave Maria, um suplemento na seguinte ordem:

Primeira dezena: “*Bendita a hora, ó Virgem Maria, em que vos tornastes Mãe de Deus*” (10 Ave-Marias).

Segunda dezena: “*Bendita a hora, ó Virgem Maria, em que deste à luz o Filho de Deus*” (10 Ave-Marias).

Terceira dezena: “*Bendita a primeira gota de leite, ó Virgem Maria, com a qual o Filho de Deus se alimentou em vosso ventre*” (10 Ave-Marias).

Quarta dezena: “*Bendito aquele primeiro beijo, ó Virgem Maria, que destes nos divinos lábios do Filho de Deus*” (10 Ave-Marias).

Na véspera de Natal, após a reza dos Mistérios Gozosos do Santo Rosário, a corrente dourada da piedosa tradição conclui-se com uma oração dedicada à Santíssima Virgem Maria.

Oração da família e pela família

Aqui, o convite a todas as famílias cristãs de rezar esta humilde, bela e simbólica devoção mariana, repleta de espiritualidade e afeto. Como o Papa São João Paulo II disse em sua Carta apostólica “*Rosarium Virginis Mariae*”: “O Rosário é uma oração da família e pela família”. Devemos ser educados e formados na sensibilidade materna de Maria, “a mulher da perfeita alegria”. Que ela interceda por nós e peça ao seu Filho Jesus que nos conceda um coração de escuta, oração, paz e comunhão.

Fonte: Vatican News

Consórcio Cristo Sustentável presente na COP30

Consórcio Cristo Sustentável esteve presente na COP30 para articular sua agenda climática internacional. A delegação oficial foi composta pela gestora ESG do Consórcio Cristo Sustentável, Bianca Cardoso, e pelo coordenador de Relações Internacionais do Santuário Cristo Redentor, Pedro Corrêa de Brito.

Silvonei José – Belém



A gestora ESG do Consórcio Cristo Sustentável, Bianca Cardoso, e o coordenador de Relações Internacionais do Santuário Cristo Redentor, Pedro Corrêa de Brito,.

O Consórcio Cristo Sustentável, formado pelo Santuário Arquidiocesano Cristo Redentor, pela Obra Social Leste Um – O Sol e pelo Instituto Redemptor, participou na 30ª sessão da Conferência das Partes (COP) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC), que se realizou em Belém, no estado do Pará.

A delegação oficial foi composta pela gestora ESG do Consórcio Cristo Sustentável, Bianca Cardoso, e pelo coordenador de Relações Internacionais do Santuário Cristo Redentor, Pedro Corrêa de Brito, atuando de forma estratégica nas áreas de sustentabilidade, governança climática e turismo responsável. Desde a última quarta-feira, 19 de novembro, a organização apresentou iniciativas concretas que posicionam o turismo sustentável, ecológico, virtual, doméstico e religioso como vetores essenciais para a mitigação e adaptação climática.

A presença do Consórcio na COP30 reforça a integração da sustentabilidade com a cultura, a fé e o patrimônio histórico. A delegação participou de painéis e debates internacionais, alinhando suas operações e influência global com a Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU).

A Rádio Vaticano – Vatican News conversou com Bianca Cardoso:

Conversamos com Bianca Cardoso, que participa da COP30, em nome do Consórcio Cristo Sustentável. Bianca, uma alegria encontrá-la aqui. Conta um pouco da participação de vocês num evento como esse.

Olha, para nós é uma alegria imensa estar num evento desse porte, trazendo o Consórcio Cristo Sustentável para essa discussão, mostrando o comprometimento do Santuário Cristo Redentor, enquanto instituição integrante do Consórcio, o comprometimento com as questões socioambientais e climáticas. Então, aqui a gente pode apresentar para todos que o Santuário Cristo Redentor atua em três dimensões.

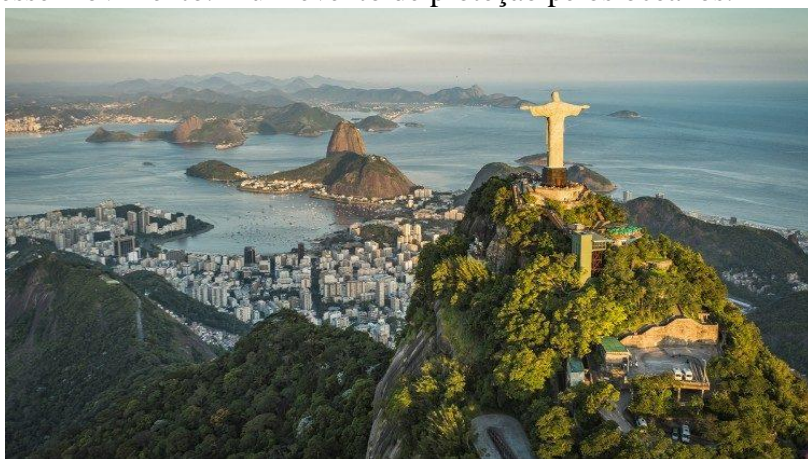
Ele é um santuário religioso, ele é um equipamento turístico e ele é um agente de transformação. Com essas três dimensões, nós temos projetos, nós atuamos de forma muito comprometida com as causas socioambientais, com base na carta Encíclica Laudato si' do Papa Francisco, que celebra 10 anos esse ano. Então, é uma inspiração para a gente, junto com a Laudato Deum.

Esses documentos da igreja norteiam as ações do Santuário Cristo Redentor, portanto do Consórcio.

De que ações nós estamos falando?

Bom, a gente está falando primeiramente de uma agenda climática robusta que estamos construindo. Nós estamos em processo de certificação Cristo-carbono neutro. Nós temos um plano de gestão ambiental para justamente equilibrar no ambiente, ali do Santuário, o grande número de visitação, e eventos com a imperativa necessidade de proteger o ecossistema da Mata Atlântica. Nós temos um projeto, por exemplo, Braços Abertos sobre a Guanabara, que visa a governança da Baía de Guanabara, que é uma plataforma de anúncios e denúncias. Então, a nossa intenção é trazer parceiros para que a gente consiga atuar em conjunto pela conservação e revitalização da Baía. Sendo assim, temos uma atenção muito grande com a questão dos oceanos, compreendendo o seu protagonismo dentro das soluções para as questões climáticas.

Nós estivemos em Nice, na Conferência dos Oceanos da ONU, em junho, e estamos já planejando, nos organizando, pois em 2027 o Rio de Janeiro vai sediar a Conferência da Década do Oceano da Unesco. Em abril vão ser três dias de evento, então estamos já conversando com os nossos parceiros. Vai ser um evento muito importante para a gente chamar a atenção para os oceanos e fazer parte desse movimento. É um evento de proteção pelos oceanos.



Cristo Redentor

A presença do Consórcio aqui na COP30 reforça a integração da sustentabilidade com a cultura, a fé e o patrimônio histórico. O que significa tudo isso?

Bom, é importante a gente entender que, para que a gente consiga a conversão ecológica que mencionou o nosso saudoso Papa Francisco, é importante que a gente traga para a discussão diversos olhares, pois nós, enquanto humanidade, somos diversos. É importante entendermos também que a fé,

ela dialoga com a ciência. É importante a gente fazer com que esse diálogo aconteça. Então, o nosso trabalho é fazer, é dar a nossa contribuição.

Nós criamos e lançamos também na Semana do Meio Ambiente esse ano, os Objetivos de Desenvolvimento Humano. Nós já temos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que são os 17 Objetivos da Agenda 2030, com as 169 metas. Então, o que nós desenvolvemos? A partir das obras de misericórdia da Igreja Católica, que eram 16, nós incorporamos mais duas, a pedido do Papa Francisco, que ele fez uma solicitação que mais duas fossem incorporadas, pelo cuidado da Casa Comum. Nós temos uma mais corporal, pelo cuidado da Casa Comum, e uma espiritual que é contemplar Deus. a partir da criação. Então, a partir disso, entendemos que as obras de misericórdia passaram a ser 16.

Dentro desse trabalho que foi realizado, nós fizemos a integração das obras de misericórdia com os objetivos de desenvolvimento sustentável. Por exemplo, quando a gente fala de dar pão a quem tem fome, a gente está falando do ODS2, fome zero e agricultura sustentável. Então, assim, a gente cria um diálogo da fé, da igreja, com essa agenda global atual, porque não estamos dissociados. A espiritualidade, ela traz luz às questões. Então, a gente está aqui dando a nossa contribuição para essa transformação, porque a humanidade, muitos de nós, nós temos cientistas, nós temos instituições maravilhosas fazendo trabalhos incríveis, mas a grande dificuldade da humanidade é implementar, porque existe, no momento que a gente está vivendo, um consumismo desenfreado, uma humanidade descolada da natureza e da sua essência, vendo o planeta Terra como se fosse algo infindável, como se fosse algo que a gente pudesse explorar, como se aquilo não fosse acabar nunca, sem consciência, sem responsabilidade. É um trabalho de educação, é um trabalho de conversão ecológica, conforme disse Papa Francisco. É importante também o conceito que ele traz de ecologia integral, que é justamente a gente trazer as dimensões social e humana. Para falar que ecologia não é apenas uma questão de meio ambiente, a gente precisa falar de cultura, de comunidades locais, a gente precisa falar de relação intergeracional, das gerações futuras, a gente precisa falar de economia. Então é uma questão complexa que envolve tudo isso.

O Cristo Redentor é um símbolo muito importante. Como se insere a Laudato si' dentro de tudo isso que vocês estão dizendo, fazendo, com esse símbolo.

O Cristo Redentor é isso. Primeiramente, ele é um monumento que foi criado pela Igreja Católica. Ele foi construído pela igreja com o apoio da população do Brasil, carioca. Então, existe uma lenda de que foi um presente da França, isso não é verdade. Em toda oportunidade, é importante que a gente esclareça isso. Foi feito com doações da sociedade. O escultor era francês e às vezes, tem uma confusão nesse sentido. Mas é um monumento que está localizado, está inserido dentro do Parque Nacional da Tijuca, dentro de uma unidade de conservação. Ele está dentro da natureza. Ele está situado ali de braços abertos sobre a Guanabara, como diz a música. Então, a relação dele com o meio ambiente é imensa, ele está presente ali dentro. Para você chegar ao Cristo, você tem que subir o alto do Corcovado.

Inclusive, quando você pega o elevador, tem uma enorme figueira. Eu faço até associação àquela passagem de Zaqueu, que subiu numa figueira para ver Jesus. Então, a gente tem até esse momento de espiritualidade que às vezes pode passar sem muita atenção para algumas pessoas. A gente tem, por exemplo, a colaboração do Vicariato Episcopal para o Meio Ambiente e Sustentabilidade, que é liderado pelo nosso querido Padre Josafá, que é um exemplo para a gente. Uma pessoa com conhecimento notável de sustentabilidade e contribui de forma ímpar.

Então ele está ali, ele fez um estudo, por exemplo, da vegetação do Santuário. Ele que trouxe ao nosso conhecimento essa observação da figueira. Nós temos uma relação muito grande com o Meio Ambiente. A Laudato si' está aí para reforçar isso. Inclusive, fizemos uma capela, inauguramos esse ano, uma capela chamada Capela Laudato si'. É uma capela que foi feita com os conceitos de sustentabilidade, com mobiliário sustentável. Ela é toda verde, ela tem uma parede toda feita de musgos naturais.

A gente quer realmente que as pessoas, por exemplo, nessa capela, tenham ali uma imersão realmente na natureza. E até falando mesmo da Laudato si', o Papa Francisco fala que nada neste mundo nos é indiferente. Então, é isso que a gente quer que as pessoas entendam. Que a gente não pode ser indiferente ao nosso papel, enquanto pessoas que podem realmente fazer a diferença com a sua individualidade.

Uma última pergunta então, Bianca, essa presença de vocês na COP, o que vocês trazem para uma reflexão que vá além desse encontro e que as pessoas possam levar para casa?

Você fala perfeitamente de que o Cristo está dentro do ambiente, faz parte do ambiente, o ambiente que nós tanto amamos do Rio de Janeiro, mas esse ambiente precisa ser preservado.

Eu acho que é importante a espiritualidade nesse momento, de descolamento da essência da natureza, de que somos natureza. O que pode fazer com que a humanidade desperte nesse sentido, me pergunto, e é nisso que eu tenho trabalhado ultimamente. Como que a gente faz para engajar? Como é que a gente faz para levar consciência? Além de políticas públicas, de trabalhos desenvolvidos pelo poder público, o que nós, enquanto igreja, podemos fazer?

Como que a gente pode contribuir? A Igreja tem uma obra enorme e incrível nesse sentido. O Papa Francisco deixou um legado maravilhoso para a gente. Então, é importante essa mensagem toda que ele deixa de luz. Então, é isso, a gente precisa trazer luz, luz para que a gente consiga ver e enxergar todos os seres do planeta como seres tão importantes como nós. Porque só com esse equilíbrio, com essa percepção, é que a gente vai conseguir...

Fazer com que as coisas mudem. Eu escrevi até uma coisa ontem, num segundo que eu consegui entrar na internet, porque tá tudo muito corrido, porque foi avistado por um drone um cardume de raias enorme. E aí me veio uma reflexão, assim, se a gente amar a natureza, ela ama a gente de volta. Então, acho que é isso que a gente precisa, sabe? Se reconhecer ali.

Fonte: Vatican News

COP30: negociações prorrogadas, ainda “sem um acordo”

Na manhã deste sábado deverá ser apresentado um novo texto no plenário, em busca de um consenso.

Silvonei José – Belém

As negociações climáticas da COP30 em Belém, que envolvem mais de 190 países, foram oficialmente prorrogadas na noite de ontem, sexta-feira, após duas semanas de conversas infrutíferas, sem qualquer consenso à vista sobre a questão do petróleo, gás e carvão. Tanto que a União Europeia, pressionada a oferecer garantias aos países em desenvolvimento, discute abertamente a possibilidade de deixar Belém "sem um acordo", o que seria para os especialistas uma derrota para esta primeira conferência climática da ONU na Amazônia.



COP30 - Belém (AFP or licensors)

A presidência brasileira da Cúpula, que começou em 10 de novembro, recebeu na tarde de ontem uma série de países, grandes e pequenos, numa tentativa de resolver a situação: China, Índia, Arábia Saudita, países europeus, o grupo africano, Japão, Honduras...

As discussões se concentram na minuta de acordo apresentada na parte da manhã com uma grande omissão: ela não contém as palavras "combustíveis fósseis", muito menos a criação do "roteiro" exigido por pelo menos 80 nações europeias, latino-americanas e insulares. Essa coalizão informal, que inclui a Colômbia, líder na luta contra a "proliferação" de petróleo, protestou imediatamente.

"O que está sendo discutido atualmente é inaceitável", declarou o Comissário Europeu para a Ação Climática, Wopke Hoekstra, para quem "estamos realmente diante de um cenário sem acordo". Quem se opõe? Índia, Arábia Saudita e Rússia, juntamente com economias emergentes, declarou Monique Barbut, Ministra da Transição Ecológica da França.

As negociações também dizem respeito à ajuda financeira e técnica para países pobres, que está sendo bloqueada pelos países desenvolvidos, afirmam alguns participantes das discussões.

"Não nos deixemos distrair por todo esse ruído. Em qualquer negociação climática, sempre haverá acusações. Vamos nos concentrar no essencial: acesso à energia para os mais pobres, segurança energética para todos e sustentabilidade energética para o planeta", disse Arunabha Ghosh, enviado da Índia para o Sul da Ásia na COP30.

O projeto de acordo prevê "esforços" para triplicar o financiamento para adaptação às mudanças climáticas em países pobres, mas os países ricos relutam em abrir seus cofres novamente após a COP29, que os comprometeu por dez anos.

Para a ministra do Meio Ambiente da Colômbia, Irene Vélez Torres, a COP30 não pode terminar sem um roteiro para a eliminação gradual dos combustíveis fósseis.

Negociadores europeus e representantes do grupo árabe se reuniram ontem com o presidente da COP Correa do Lago. Ele enfrenta a árdua tarefa de conseguir que 194 países e a União Europeia, signatários do Acordo de Paris, cheguem a um consenso sobre a adoção do plano, como é regra nas COPs.

A ideia de um "roteiro" para acelerar a eliminação gradual do petróleo, carvão e gás, em grande parte responsáveis pelo aquecimento global, surgiu da frustração com a falta de ações concretas em relação ao compromisso de sua eliminação gradual, assumido na COP28, dois anos atrás. Em um ano geopolítico turbulento, com muitos países ocidentais se afastando das questões climáticas, poucos esperavam que esse assunto voltasse à tona. Mas o presidente brasileiro Lula o reviveu no início da cúpula e o trouxe de volta à discussão durante sua visita na quarta-feira, fortalecendo o movimento anti-petróleo.

A presidência brasileira apresentou nesta sexta-feira a versão mais recente do acordo da COP30, excluindo qualquer menção à proposta de estabelecer um roteiro para a eliminação gradual dos combustíveis fósseis.

Enquanto isso, um grupo de 39 países, incluindo nações europeias, latino-americanas, asiáticas e pequenas ilhas, criticou veementemente a falta de ambição do acordo em uma carta enviada à presidência da COP30. Reclamações também partiram de grupos ambientalistas e cientistas, que criticaram a ausência da expressão "combustíveis fósseis" no documento.

Na manhã deste sábado deverá ser apresentado um texto no plenário, em busca de um consenso.

Fonte: Vatican News

COP30: Cimeira do clima termina «falhando completamente» na definição de um «roteiro para o abandono dos combustíveis fósseis»

Organizações portuguesas ZERO, OIKOS e FEC participaram na cimeira do clima em Belém do Pará, no Brasil, e apontam «fragilidades significativas» do documento final «Mutirão»



Foto de Rafa Pereira/COP30, presidente da COP 30, André Corrêa do Lago, e António Guterres, Secretário-geral das Nações Unidas durante a 30ª Conferência das Partes (COP30).

As organizações portuguesas ZERO, OIKOS e FEC, que participaram na 30ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas para as Alterações Climáticas (COP30), no Brasil, afirmam que, apesar de “alguns elementos positivos”, cimeira “continuou a falhar o essencial”.

“O documento principal da COP30, o chamado “Mutirão”, um apelo da Presidência brasileira para uma mobilização global e um esforço conjunto das Partes contra as alterações climáticas, revelou fragilidades significativas, falhando completamente num elemento essencial que seria traçar um roteiro para o abandono dos combustíveis fósseis”, afirmam as organizações em comunicado enviado hoje à Agência ECCLESIA.

Os participantes de Portugal consideram que “não ter um plano de ação para retirada dos combustíveis fósseis, é uma submissão política aos interesses dos países produtores de petróleo, em particular da Arábia Saudita, ou dos que continuam a assumir que ainda precisam de muita energia proveniente do carvão, petróleo e gás natural fóssil, sem assumirem completamente uma desejável transição energética, como é o exemplo da Índia”.

As três organizações consideram que Transição Justa “é referida com algum progresso”, notando que falta um “plano credível para o abandono gradual dos combustíveis fósseis, torna-se inviável reconhecer no Mutirão um verdadeiro pacote de justiça climática”.

“Apesar de a Presidência ter apelado a “um verdadeiro mutirão, uma mobilização coletiva de mentes, corações e mãos para concretizar o Pacote de Belém com rapidez, justiça e cuidado para todos”, o Plano de Ação de Género (GAP) ficou de fora das prioridades e com muitas divergências”, afirmam.

A ZERO, a OIKOS e a FEC consideram que “a COP da ‘verdade’ revelou que o business as usual continua a dominar as negociações, onde a participação da sociedade civil foi maior comparativamente com os três últimos anos, mas ainda limitada nos resultados”.

“A meta de limitar o aquecimento global a 1,5 °C face aos níveis pré-industriais continua em risco, com consequências e prejuízos enormes de um clima em mudança, principalmente para os países em desenvolvimento”, alertam.

ZERO, OIKOS e FEC reforçam que a transição justa só pode ser considerada autêntica se assente em metas concretas, financiamento adequado e mecanismos robustos que garantam que nenhuma comunidade ou região é deixada para trás”.



Foto COP30

As três organizações defendem que “os debates climáticos devem garantir uma abordagem inclusiva, financiamento adequado e mecanismos robustos que assegurem que a justiça de género seja central na ação climática”.

Apreciação final pela ZERO, OIKOS e FEC

A ZERO – Sistema Terrestre Sustentável esteve representada por Francisco Ferreira, presidente da associação e também Diretor do CENSE – Centro de Investigação em Ambiente e Sustentabilidade da NOVA FCT e por Islene Façanha, gestora de projetos e analista de políticas nas áreas do clima e energia.

A Oikos – Cooperação e Desenvolvimento é uma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (ONGD) que defende um desenvolvimento humano que “seja equitativo e sustentável” e fez-se representar pelo coordenador de projetos José Luís Monteiro.

A Fundação Fé e Cooperação (FEC), da Conferência Episcopal Portuguesa, esteve representada por Catarina António, gestora de projetos, e por Gustavo Lopes Pereira, gestor de comunicação.

“Esta participação permitiu acompanhar de perto os desafios, tensões e oportunidades que marcaram o rumo final das negociações”, conclui o comunicado das três organizações, enviado hoje à Agência ECCLESIA no fim da COP30, um dia após o previsto.

Fonte: Agência Ecclesia

Solidariedade: Um espaço para sentar à mesa, servir o único prato quente do dia e dar atenção a quem tem «muita fome de carinho»

Patriarca de Lisboa presidiu à inauguração da remodelação do Refeitório Rosália Rendu, das Irmãs Vicentinas, que distribui cerca de 200 refeições por dia



Foto Agência ECCLESIA/PR, Irmã Alzira Santos, Ricardo Ferreira, Isabel Antunes e D. Rui Valério, na inauguração do Refeitório Rosália Rendu

As Irmãs Vicentinas inauguraram o Refeitório Rosália Rendu, numa cerimónia presidida pelo Patriarca de Lisboa, esta sexta-feira, e passam a poder acolher quem procura uma refeição quente, quem necessita de higiene pessoal e também quem tem “fome de carinho”.

“Há muita fome de pão na cidade, mas também há muita fome de carinho, de atenção, de compreensão, de tudo o que é necessário para a afetividade, para o aconchego, para as pessoas se sentirem seres humanos, dignos de viver”, disse à Agência ECCLESIA a Irmã Alzira Santos, religiosa das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, responsável pelo Refeitório Rosália Rendu.

Situado em Lisboa, junto à casa provincial das Irmãs Vicentinas, o Refeitório Rosália Rendu dá alimentos a quem precisa há 20 anos e, desde o início da pandemia, deixou de servir refeições quentes no seu espaço por causa do aumento dos pedidos, distribuindo-as de segunda a sexta-feira aos seus utentes e suas famílias.

Com as obras de remodelação agora inauguradas, vai ser possível acolher os 50 utentes do refeitório social, distribuir cerca de 200 refeições de segunda a quinta-feira e, à sexta, 300, para além de ser possível lavar a roupa e cuidar a higiene pessoal.

Para a irmã Alzira Santos, é necessário que as pessoas “se sintam livres” no espaço agora inaugurado para receber o prato quente e também “a presença de outros”, sejam utentes ou voluntários, acreditando que se vão criar ocasiões de “interajuda de um lado e do outro”.

Isabel Antunes é coordenadora dos voluntários do Refeitório Rosália Rendu e lembra que “há muita gente que precisa deste espaço na direção da dignidade” porque, em muitos casos, é “única refeição que farão à mesa” por dia.

“Este espaço vai permitir também que estas pessoas de rua possam tomar um banho e possam lavar aqui a roupa, que foi uma coisa que deixou de acontecer há vários anos. Com a pandemia, nós passámos a triplicar o número de utentes e, portanto, perdemos a capacidade de os receber. De facto, este é um passo gigante para acolhermos todos de uma maneira fantástica”, afirma a voluntária.

Isabel Antunes refere também que “muito mais importante que a comida” que é dada a cada pessoa “é o acolhimento que aqui se faz”, sublinhando que o amor que é distribuído e recebido “faz a diferença neste espaço”.

Tanto os voluntários que aqui estão como as irmãs têm a capacidade de acolher estas pessoas com uma dignidade e com um amor que eles não sentem lá fora. E, portanto, a humanização deste espaço é, de facto, um passo muito importante”.

Os alimentos servidos no Refeitório Rosália Rendu e distribuídos pelos seus utentes resultam da generosidade das Irmãs Vicentinas, que “são a fonte principal desta casa”, e da oferta de “um grupo grande de benfeitores”, que doam o que sobra, seja da produção diária seja de eventos sociais, e são recolhidos por um grupo de voluntários.

A cerimónia de inauguração do Refeitório Rosália Rendu, após obras de remodelação e ampliação, foi presidida pelo Patriarca de Lisboa, que afirmou em declarações à Agência ECCLESIA que se trata de uma obra “profética”, que resulta de “tantas disponibilidades” e permite respostas múltiplas a quem precisa e a quem tem a rua por abrigo.

Para além de ser um espaço que, enquanto refeitório, oferece comida, oferece também possibilidade de higiene, mas oferece tantas outras coisas: tem aqui um naipe de voluntários que estão para escutar, para ouvir, para atender, para acolher a história que cada um e cada uma dos que nos vão procurar trazem consigo”.

D. Rui Valério disse que é preciso estar atento à necessidade de “dar resposta a emergências sociais”, acrescentando que é importante haver “uma estruturação de ação que brota não apenas daquilo que urge fazer”, também da “valorização do ser humano” e do “valor da cooperação” entre todas as pessoas, no contexto da crescente mobilidade internacional.

“É um momento não de acentuar as polarizações ou as divergências. Nós estamos na urgência de redescobrir o valor da cooperação, o valor do consenso, o valor de juntarmos novamente as mãos. Porque, de facto, esse é que é o caminho”, afirmou.

O refeitório social dirigido pelas Irmãs Vicentinas, em Lisboa, tem o nome da Filha da Caridade de São Vicente de Paulo Rosália Rendu, que se distinguiu pela dedicação aos menos favorecidos, em França, e foi beatificada pelo Papa João Paulo II no dia 9 de novembro de 2003.

Sou utente e voluntário

Ricardo Ferreira procurou o Refeitório Rosália Rendu no tempo da pandemia, que conheceu através de outros que aqui encontravam a alimentação diariamente.

“Vim cá buscar alimentação, depois abriram as inscrições, e eu inscrevi-me, e acabei por ficar”, afirmou Ricardo Ferreira à ECCLESIA.

Ricardo Ferreira participou na cerimónia de inauguração do novo espaço para acolher utentes e recorda



utente a voluntário, sendo hoje “responsável dos utentes do Refeitório Rosália Rendu/ECCLESIA/PR, Ricardo Ferreira e Irmã Fátima Miranda, superiora provincial das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo”.

“Pediram se eu não me importava de vir ajudar cá como voluntário, e eu vim. Vim cá ajudar e agora sou utente e voluntário. Foi por isso que me escolheram para ser o responsável dos utentes e fazer parte dos voluntários”, afirma Ricardo Ferreira.

Ricardo Ferreira diz que cada pessoa é “bem alimentada” e não tem “queixa nenhuma” do acolhimento no Refeitório Rosália Rendu, nem dos utentes.

“Às vezes lá temos aquela coisita de um chatear com o outro, mas isso é normal”, aponta.

Entre as 09h30 e as 15h00, Ricardo Ferreira está no espaço das Irmãs Vicentinas, onde toma o almoço e almoços a todos os utentes.

“Depois também tenho que arrumar tudo para o outro dia começar de novo, como é lógico”, afirma.

Fonte: Agência Ecclesia

Mais de 700 clérigos anglicanos se converteram ao catolicismo desde a ordenação de mulheres em 1992

A ordenação de mulheres no anglicanismo foi um dos principais fatores que impulsionaram o êxodo em massa de sacerdotes anglicanos para a Igreja Católica.



Catedral de Westminster, Londres – Foto: Wikipedia

Nas últimas três décadas, centenas de sacerdotes anglicanos e mais de uma dúzia de bispos abandonaram a Igreja Anglicana e aderiram à plena comunhão com a Igreja Católica. Analistas descrevem esse movimento como uma “onda” de conversões, impulsionada, em grande medida, pela decisão da Igreja da Inglaterra de admitir mulheres ao sacerdócio e, posteriormente, ao episcopado, conforme reportado pelo jornal *The Times*.

Um estudo recente revela que os números são significativamente superiores ao que se imaginava. Quase um terço (aproximadamente 35%) de todos os sacerdotes católicos ordenados nas dioceses da Inglaterra e do País de Gales entre 1992 e 2024 provém das igrejas anglicanas.

Os próprios bispos católicos romanos, conforme admitido pelos pesquisadores, não tinham plena consciência da real magnitude desse fenômeno.

O marco de 1992

O ponto de inflexão ocorreu em novembro de 1992, quando o Sínodo Geral da Igreja da Inglaterra aprovou a ordenação de mulheres ao sacerdócio. Desde então, cerca de 700 sacerdotes anglicanos e membros de ordens religiosas na Inglaterra, País de Gales e Escócia converteram-se ao catolicismo. A esse contingente somam-se 16 ex-bispos anglicanos, muitos dos quais deram esse passo após a aposentadoria.

Entre as personalidades mais destacadas encontram-se:

Monsenhor Michael Nazir-Ali, ex-bispo anglicano de Rochester (1994–2009), recebido na Igreja Católica em 2021 e outrora cotado como possível arcebispo de Canterbury;

Dom Peter Forster, bispo de Chester até 2019, recebido na Igreja Católica em 2021;

Dom Jonathan Goodall, que, ainda em exercício como bispo de Ebbsfleet, renunciou em 2021 para converter-se ao catolicismo.

Um fenômeno documentado cientificamente

O relatório foi elaborado pela *St Barnabas Society* — entidade que presta assistência a clérigos convertidos — sob a coordenação do Prof. Stephen Bullivant, docente de teologia e sociologia da religião na St Mary’s University, Twickenham (Londres).

Os principais dados do estudo:

Cerca de 35% das ordenações sacerdotais diocesanas e no Ordinariato Pessoal de Nossa Senhora de Walsingham, entre 1992 e 2024, referem-se a ex-clérigos anglicanos;

O pico ocorreu em 1994, ano da entrada em vigor da ordenação feminina na Igreja da Inglaterra;

Novos impulsos foram registrados após 2009, com a promulgação da constituição apostólica *Anglicanorum Coetibus* pelo Papa Bento XVI, facilitando a conversão do clero anglicano, e em 2010, por ocasião da visita do mesmo pontífice ao Reino Unido;

Em média, 11 sacerdotes anglicanos convertem-se anualmente à Igreja Católica.

“Os números que conseguimos reconstruir a partir de múltiplas fontes são muito superiores ao que a maioria das pessoas imaginaria — inclusive os bispos católicos com quem conversamos”, afirmou o Prof. Bullivant.

Com informações Infocatolica

Fonte: Gaudium Press

Suprema Corte do Reino Unido declara ilegal o ensino religioso cristão

É possível transmitir a cultura cristã que moldou a Irlanda do Norte sem que ela seja considerada inadequada no ambiente escolar? A dificuldade de se transmitir a herança cristã sem ser acusado de proselitismo.

Em uma decisão histórica e unânime proferida em 19 de novembro de 2025, o Supremo Tribunal do Reino Unido declarou ilegal o ensino de educação religiosa e culto coletivo nas escolas primárias estatais controladas da Irlanda do Norte, por não atender aos padrões europeus de direitos humanos em matéria de objetividade, pensamento crítico e pluralismo.

A sentença, que restabelece uma decisão de 2022 do Tribunal Superior de Belfast e revoga uma posterior decisão do Tribunal de Recurso, decorre de uma revisão judicial apresentada por uma família não religiosa cuja filha — identificada de forma anônima como JR87 — frequentou uma escola primária controlada em Belfast entre aproximadamente 2017 e 2021. Durante esse período, quando tinha entre quatro e sete anos, a criança participou de um currículo cristão não denominacional baseado na Bíblia e de orações em grupo, sem referência direta ao catolicismo ou ao protestantismo. Os pais da menina, não cristãos e alinhados com uma visão humanista, argumentaram que tais práticas impunham uma visão cristã do mundo que não correspondia às suas convicções.



Imagem de rawpixel.com no Freepik

Eles não se opunham ao estudo das religiões, mas pediam um ensino mais neutro. A escola sugeriu-lhes que retirassem a sua filha das aulas de religião e dos momentos de oração coletiva, opção prevista pela lei. Mas o Tribunal Superior de Belfast considerou, em 2022, que esse mecanismo impunha um peso irracional aos pais e corria o risco de isolar a criança.

A Suprema Corte decidiu a favor dos pais, considerando que o currículo equivalia a “doutrinação” ao incentivar a aceitação de crenças cristãs sem análise crítica suficiente, em violação ao Artigo 2 do Protocolo 1 da Convenção Europeia dos Direitos Humanos (CEDH) — que exige que a educação respeite as convicções religiosas e filosóficas dos pais — em conjunto com o Artigo 9 sobre a liberdade de pensamento, consciência e religião.

Ao proferir a sentença, Lord Stephens enfatizou que ensinar os alunos a “aceitar um conjunto de crenças sem análise crítica equivale a evangelização, proselitismo e doutrinação”. O tribunal observou que o currículo básico, elaborado com a contribuição das principais igrejas cristãs, carece de

compromisso com a objetividade ou a exploração pluralista, concentrando-se fortemente na “revelação de Deus” e nos principais ensinamentos cristãos, com apenas referências mínimas a outras religiões mundiais em etapas posteriores.

A decisão isenta explicitamente as escolas católicas confessionais, que oferecem abertamente educação baseada na fé sem alegar neutralidade. As escolas controladas pelo Estado — historicamente transferidas de igrejas protestantes para a propriedade pública no início do século XX — agora devem reformular seus programas. O Departamento de Educação da Irlanda do Norte é obrigado a revisar o currículo, introduzir inspeções regulares e emitir diretrizes que garantam um ensino “objetivo, crítico e pluralista” que inclua religiões não cristãs e perspectivas não religiosas, como o humanismo.

Darragh Mackin, da Phoenix Law, representando a família, comemorou o veredicto como um “momento decisivo para os direitos educacionais”, afirmando: “A Suprema Corte confirmou que todas as crianças têm direito a uma educação que respeite sua liberdade de pensamento, consciência e religião. O Estado não pode mais se basear em desistências individuais para justificar conteúdos curriculares controversos”.

A decisão desencadeou um debate cultural e filosófico mais amplo. Enquanto os defensores, incluindo os Humanistas da Irlanda do Norte, a celebram como uma “vitória histórica” para a inclusão em uma sociedade cada vez mais diversificada — onde o censo de 2021 mostrou aproximadamente 46% de origem católica, 43% protestante/cristã e populações não religiosas em crescimento —, para um católico, este caso ilustra uma tensão cada vez mais forte nas sociedades ocidentais: a dificuldade de transmitir a herança cristã sem ser acusado de proselitismo. Ela levanta uma questão essencial: ainda é possível transmitir a cultura cristã que moldou a Irlanda do Norte sem que ela seja considerada inadequada no ambiente escolar?

Essa decisão, embora apresentada como uma simples clarificação jurídica, revela, na realidade, um movimento mais profundo. Há anos, um certo humanismo laico, convencido de uma razão pura, procura relegar Deus à esfera estritamente privada. Essa corrente afirma defender a neutralidade, mas acaba impondo uma visão de mundo em que toda transcendência deve ser apagada em nome do pluralismo.

Ora, essa suposta neutralidade não passa de um novo dogma, ainda mais rígido do que aqueles que pretende substituir. O paradoxo é impressionante: aceita-se sem dificuldade que escolas explicitamente confessionais transmitam sua fé, mas exige-se que instituições de tradição cristã apaguem precisamente o que lhes deu coerência e força. Sob o pretexto da igualdade, impõe-se uma uniformidade que nega a própria cultura que moldou a identidade moral, intelectual e espiritual da Irlanda do Norte durante séculos.

Como observou um comentarista católico, as instituições que se baseiam na corrente principal cristã são obrigadas a expurgar o que lhes confere coerência: o reconhecimento da presença viva de Deus e do legado de Cristo.

Ao despojar as escolas de convicções profundas, as crianças se tornam vulneráveis às ideologias predominantes, substituindo uma forma de influência por outra. Numa era obcecada pela inclusão e diversidade, a decisão sublinha uma ironia: a única visão de mundo cada vez mais excluída ou vista com suspeita sistemática é a judaico-cristã, que fundamentou os direitos, as proteções à consciência e o pluralismo agora usados como arma contra ela.

Enquanto a Irlanda do Norte luta contra a implementação dessa lei, a decisão força um ajuste de contas. Desejam as sociedades preservar a fé como um patrimônio público legítimo ou relegá-la à opinião privada — tolerada, mas nunca celebrada como a fonte da sua história?

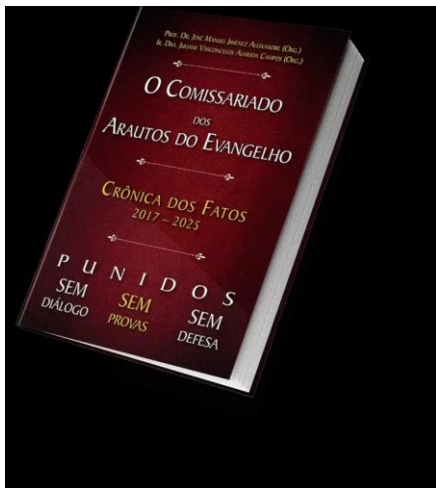
Para os crentes, isto não é uma mera tecnicidade legal, mas um passo em direção a uma progressiva expulsão do cristianismo do espaço público, onde os cristãos, em breve, terão de pedir desculpa pela fé que o construiu. O Departamento de Educação prometeu rever a “sentença complexa” e aconselhar as escolas, mas as repercussões ecoarão por muito mais tempo do que qualquer circular administrativa.

Com informações Tribune Chrétienne

Fonte: Gaudium Press

Nota de imprensa sobre o livro “O Comissariado dos Aautos do Evangelho”

“Punidos, sem diálogo, sem provas, sem defesa”.



A notícia acerca da publicação do livro “*O Comissariado dos Arautos do Evangelho*” correu como centelha pelos meios de informação internacionais. Tal celeridade, prova da atualidade do tema, apresenta o risco de ignorar os motivos que determinaram a elaboração da obra, levando a julgá-la sumária e injustamente.

Há mais de oito anos, com efeito, a Associação Privada Internacional Arautos do Evangelho, e também as duas Sociedades de Vida Apostólica dela surgidas, vêm sendo submetidos a prolongada intervenção do Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica. Esta inexplicável e constrangedora situação suscitou, como é óbvio, perplexidade por parte dos que seguem ou confiam na instituição. Por isso, por dever moral, os Arautos foram impelidos a oferecer-lhes os devidos esclarecimentos. Estava em jogo não apenas a boa fama da instituição e de seus membros – comprometida pelas sombras de dúvidas provocadas pela campanha de calúnias contra a instituição –, mas também a reputação da própria Igreja Católica.

Até agora em silêncio obsequioso, devido ao escândalo que poderia produzir, uma comissão de Arautos com a devida preparação acadêmica elaborou, por fim, este trabalho sob a coordenação do Prof. Dr. José Manuel Jiménez Aleixandre, Doutor em Direito Canônico pelo *Angelicum* de Roma e Ir. Dra. Juliane Vasconcelos Almeida Campos, doutora em Filosofia. A obra pretende relatar desapassionadamente os fatos ocorridos ao longo do período em tela.

Apoiada em sólidos e abundantes documentos, a narração é, de um lado, um dever de justiça, já que o prolongamento da situação poderia suscitar suspeitas infundadas sobre a existência de graves delitos na Instituição e, de outro lado, é também um ato de legítima defesa, em vista dos prejuízos acumulados: quase trinta diáconos, por exemplo, não podem ser ordenados sacerdotes; sete turmas de seminaristas ainda não puderam aceder ao diaconado; muitos outros membros estão impedidos de realizar os votos perpétuos ou temporários. Juntem-se ao quadro, os aspirantes que não podem ser admitidos e os adolescentes, com respectivas famílias, que viram truncadas suas aspirações com a suspensão do projeto educativo promovido pelos Arautos do Evangelho. Por fim, acrescentem-se as variadas violações às leis canônicas detalhadas na obra como grave motivação para a sua redação.

O livro em questão, portanto, não é um ataque ou um protesto, nem visa lesar a ninguém. Trata-se de uma mera obra tutelar, acarretada por deveres de consciência, de justiça e de amor à Igreja, com o objetivo, entre outros, de que os descordamentos de que os Arautos foram vítimas não tornem a se repetir, em prol da justiça e da equânime reparação.

Fonte: Gaudium Press

Oito dados sobre a solenidade de Cristo Rei



Pio XI, Primeira Guerra Mundial e Cristo Rei de Swlebodzin, Polônia
Por Redação central

No calendário litúrgico, hoje é a solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo, comumente conhecida como a festa de Cristo Rei.

É o último domingo do ano litúrgico (o Advento começa em uma semana) e esta festa nos lembra de que não importa o que os poderes da Terra nos pedem para fazer, Cristo é o verdadeiro rei que deve reinar em nossos corações.

Conheça oito detalhes desta festa:

1. Foi instituída em 1925

Depois da Primeira Guerra Mundial, em meio ao crescimento do comunismo na Rússia, por ocasião dos 1600 anos do Concílio de Niceia (325), o papa Pio XI instituiu a festa em 1925 através da encíclica *Quas Primas*. Sua primeira celebração aconteceu em 1926.

2. Foi celebrada pela primeira vez no dia de Halloween em 1926

Originalmente, foi estabelecida para o último domingo de outubro, antes da Festa de Todos os Santos. No ano de 1926, quando foi celebrada pela primeira vez, esse domingo coincidiu com o dia 31 de outubro.

3. Foi São Paulo VI que, em 1969, revisou a festa e lhe deu o nome e a data atuais

O papa Paulo VI deu à festa seu atual título completo (Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo) e transferiu para o último domingo do ano litúrgico.

4. A festa foi uma resposta ao crescimento da secularização, do ateísmo e do comunismo

Enquanto o mundo pedia eloquentemente aos cristãos que deviam restringir sua religião e dar maior lealdade aos governos, o papa Pio XI escreveu sobre a festa:

“Se todo o poder foi dado ao Senhor Jesus, no céu e na terra, se os homens, resgatados pelo seu sangue preciosíssimo, se tornam, com novo título, súditos de seu império, se, finalmente, este poder abraça a natureza humana em seu conjunto, é claro que nenhuma de nossas faculdades se pode subtrair a essa realeza. É mister, pois, que reine em nossas inteligências: com plena submissão, com adesão firme e constante, devemos crer as verdades reveladas e os ensinamentos de Cristo. É mister que reine em nossas vontades: devemos observar as leis e os mandamentos de Deus. É mister que reine em nossos corações: devemos mortificar nossos afetos naturais, e amar a Deus sobre todas as coisas”. (*Quas Primas*, 34)

5. Apesar de suas origens católicas, a festa é comemorada por muitos protestantes

Apesar de ter sido criada há menos de cem anos na Igreja Católica, alguns anglicanos, luteranos, metodistas e presbiterianos celebram a festa.

6. Na igreja protestante da Suécia, este domingo é chamado “Domingo da Condenação”

Embora oficialmente os protestantes da Suécia celebrem esta festa como “O regresso de Cristo”, seu nome coloquial “Domingo da Condenação” procede do fato de que dão um enfoque particular ao Juízo Final e à segunda vinda de Cristo.

7. Alguns anglicanos se referem a este domingo como “Domingo da agitação”

Tem esse nome por duas razões:

Em primeiro lugar, a oração coletiva anglicana para o dia começa com as palavras “agitado, despertado, te suplicamos, ó Senhor, as vontades de teus fiéis”.

Em segundo lugar, algumas das antigas receitas do pudim de pão doce requerem que o pudim seja agitado e se assente durante várias semanas antes de ser assado. Este domingo se tornou um dia em que as pessoas tradicionalmente começavam a preparar o pudim cristão, que incluía “agitar”.

Esses dois dados se uniram nas mentes dos anglicanos e, segundo a Wikipédia: “Supostamente, os cozinheiros, esposas e seus servos iam à igreja, escutavam as palavras ‘agitados, te suplicamos, ó Senhor...’ e recordavam, por associação de ideias, que já era hora de começar a agitar os pudins de Natal”.

8. A estátua de “Cristo Rei” da Polônia é a maior estátua de Jesus Cristo Rei do Universo no mundo

Com 33 metros de altura (um metro para cada ano da vida terrena de Jesus) e 3 metros de base, a estátua de Cristo Rei de Swlebozin, no noroeste da Polônia, é três metros mais alta do que o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro. - Fonte: ACIDigital

A música tem um poder muito grande de abrir nosso coração para Deus, diz pai de família de músicos



Família Ávila. | Crédito: Arquivo pessoal.

Por [Nathália Queiroz](#)

“Que bom é ser servo de Deus em meio aos cantos, servir com aquilo que é belo”, diz Leandro Ávila. Ao lado da mulher Daiane e dos cinco filhos, ele canta e toca nas missas e eventos da Igreja em Farroupilha (RS). Para ele, “a música tem capacidade de acalantar o coração e nos levar para Deus. Faz um bem enorme para as famílias cantar juntos e servir juntos a Deus. Nesses tempos em que as crianças estão envolvidas com tecnologia, algo como a música, que exige disciplina e dedicação, é um grande bem”.

Leandro canta, compõe e toca violão desde jovem. “Meu avô gostava muito de artes, meu tio era poeta e o outro violonista. Descobriram que eu era afinadinho e a música sempre fez parte da minha vida”, conta. O casamento com Daiane fortaleceu ainda mais essa vocação. “Ela começou a cantar comigo e nunca mais parou”, diz.

Os filhos seguiram os passos dos pais: Mariana, de 25 anos, toca violão, flauta e canta; João, de 19, toca acordeon e canta; Maria, de 17 anos, toca violoncelo; Gabriela, de 14 anos, estuda piano e canto.

A caçula, Cecília, completou dois anos ontem (21) e já segura o microfone durante as missas. O nome foi escolhido em homenagem à padroeira dos músicos, cuja memória a Igreja celebra hoje (22). “Santa Cecília sempre esteve presente na nossa casa, que é muito musical. Quando descobrimos a última gravidez, todos os filhos foram unânimes: tem que ser Cecília em homenagem a Santa Cecília”, conta Leandro. Por coincidência ela nasceu na véspera do dia da santa.

“O nosso serviço à Igreja é cantar juntos em família e a pequena Cecília ainda não canta, mas fica com o microfone na mão”, contou. Para ele, além de ser oração, a música é também uma forma de educar. “Ela nos aproxima do Belo que é Deus, mas também desenvolve nossa capacidade lógica e o pensamento”.

Além das celebrações, a família participa de casamentos e eventos, misturando música católica e regional. “A gente canta em casamentos, como família Ávila, e também em shows regionais, unindo músicas católicas com boa música secular.”

“A música é uma grande forma de comunicação com Deus”, disse. Ele compôs o álbum *Meu Descanso*, indicado ao Prêmio Mundial de Música Católica, junto com Pablo Voloski e Fabrício Medeiros. O álbum teve um significado especial, pois foi lançado depois que passou por uma cirurgia cardíaca e um longo processo de recuperação. “São músicas que ou são uma resposta de Deus, ou um questionamento meu a Deus. Esse álbum fala da minha intimidade com Deus. Quando preciso falar com Ele, uso a música para fazer isso”.

“Eu não quero ser artista, quero ser servo de Deus. Meu grande desejo é chegar no céu e Deus não me dizer: não te conheço, pois você falou de si mesmo e tentou aparecer”, acrescentou. “Não estou aqui para levar a mim mesmo, meu grande desejo com o álbum *Meu descanso* é levar as pessoas a experimentarem o Deus que eu experimento”.

“Quero poder servir a Deus com a minha arte, com a minha música, com o meu coração. Essa é a vontade da minha vida: amar a Deus”, concluiu. - Fonte: ACIDigital

No dia de santa Cecília, perguntamos como vai a música litúrgica no Brasil hoje



Coro na missa de posse de dom Gregório Paixão, em Fortaleza | Laércio Peixoto (Arquidiocese de Fortaleza)

Por Monasa Narjara

Hoje a Igreja celebra santa Cecília, a nobre romana que converteu seu marido, preservou sua virgindade e, junto com ele, foi martirizada no século II ou III. Forçada a se casar com um pagão, Cecília, no dia de seu casamento, manteve-se à parte cantando, de improviso a Deus. Por isso, ela é a padroeira dos músicos.

Assim como foi para a santa Cecília em seu casamento, a música na missa “deve ajudar os fiéis a elevar a mente e o coração para Deus”, disse o liturgista da arquidiocese de Fortaleza, padre Raphael Maciel a ACI Digital, citando o papa são Pio X.

São Pio X, em sua luta contra o modernismo na Igreja, escreveu em sua encíclica *Tra le sollicitudine* (Dentre as preocupações), de 1903, querer que “a música sacra seja cultivada com especial cuidado no modo devido nos seminários e faculdades eclesiais de Roma”.

Assim, para o padre Maciel, a música litúrgica é “ao mesmo tempo também “ritual”.

“Deve ser executada de tal modo que, quem a executa não tome o lugar da assembleia, não seja uma apresentação artística, mas seja um modo de execução que leve o fiel ‘a se sintonizar’ com o Divino, com Deus, com Nosso Senhor”.

Para o mestre e doutor em música, Delphim Rezende Porto, professor de música sacra e litúrgica e maestro da catedral de São Paulo, “o maior zelo que um artista sacro pode desenvolver em relação à Igreja e ao canto litúrgico é de nunca se contentar com a mera qualidade técnica do que faz”. Para ele, “qualquer música que pretenda acompanhar o rito da missa deve ser uma música ligada estreitamente à cena ritual, de modo que não haja distinção entre a oração e a música”.

“É muito importante a formação técnica, contudo, não se pode haver uma verdadeira música litúrgica sem que o espírito do artista esteja realmente conectado ao que pede a Igreja e o seu magistério desde os tempos apostólicos, que não é apenas produzir melodias afinadas e harmonias corretas, mas sim congregar os irmãos e favorecer a disseminação da Palavra de Deus através da música”, disse o musicista a ACI Digital.



Imagem ilustrativa. Shutterstock/Zvonimir Athletic

Aspectos da música litúrgica

Padre Raphael Maciel disse que nem todo canto religioso é litúrgico. “Muitas vezes um canto religioso é catequético, mas não é litúrgico”, como “muitos cantos por exemplo, do padre Zezinho e de outros grandes autores católicos”, destacou o liturgista.

“Os critérios do canto” litúrgico, segundo padre Raphael “é que, primeiro ele esteja de acordo” com “os livros rituais (missal), inclusive com as letras” e que tenha a “inspiração a partir dos livros litúrgicos aprovados”. “Por exemplo, o hino de louvor segue a letra do hino de louvor e, é claro, nós temos que encontrar também algum ritmo que se encaixe e que não destoe da solenidade ou do ritual”.

O sacerdote ainda explicou que a música litúrgica tradicional “são cantos feitos apropriadamente para a liturgia” e “provém do canto gregoriano e tem nele sua inspiração”, mas também é “aquilo que está no nosso hinário litúrgico”. Ele ressaltou que, a *Sacrosanctum Concilium*, primeira constituição apostólica aprovada pelo Concílio Vaticano II e que deu origem à reforma da liturgia, “mantém o canto gregoriano como canto litúrgico para missa, mas, dando abertura para as adaptações”. Essas orientações, “nesse exato momento que nós estamos vivendo, tem sido um pouco mais pensadas aqui no Brasil”, segundo Maciel. “Tem muita gente boa trabalhando com a o auxílio de muitos bispos diocesanos para incrementar bem as orientações de *Sacrosanctum Concilium*”.

Limites na música litúrgica

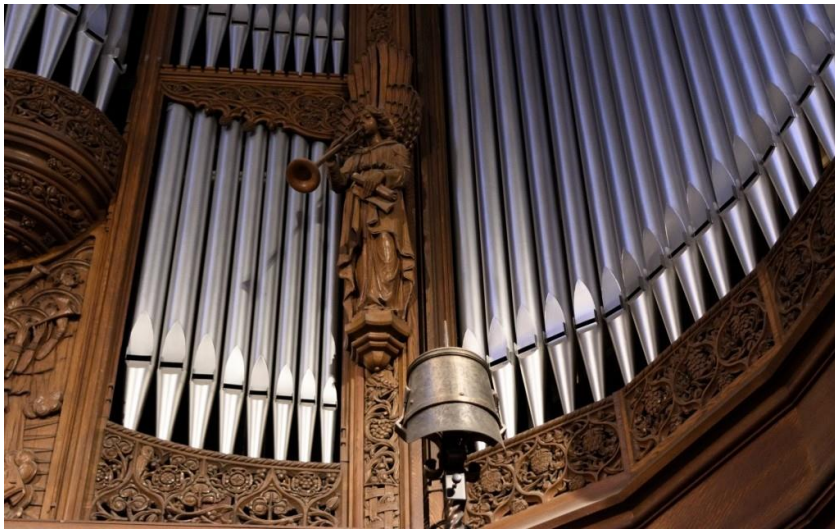
Segundo Delphim Porto, “o limite ou a baliza para a música litúrgica deve ser sempre a qualidade artística que é intrínseca à exigência ritual que ela possui”. Ele acha que a música deve “ser suficientemente simples para que todas as pessoas, das mais ilustradas e cultas às mais simples e mais humildes, possam participar igualmente do louvor divino”.

“Hoje, penso que tudo aquilo que leva a música litúrgica a se configurar ao que a indústria cultural coloca como padrão, me parece que esteja inadequado”, diz o músico.

O liturgista da arquidiocese de Fortaleza também acredita “que existe limite sim” e que, na música litúrgica, “não se pode usar tudo e fazer tudo”.

“Por exemplo: um rock, um samba, um forró não são ritmos apropriados para que a gente cante na liturgia”, disse. “Inclusive, a própria letra do canto se perde no meio digamos assim, da batucada dos instrumentos. Então, claro que existem limite sim, naquilo que pode ser aceitável como música litúrgica”.

“É preciso aprender que a liturgia não pode ser uma liturgia personalista, principalmente no canto. Mas que, a liturgia precisa seguir aquilo que a igreja nos orienta”, como “a *Sacrosanctum Concilium* nos orienta desde a reforma do Concílio Vaticano II”, advertiu o padre.



Órgão de tubos. Delphim Rezende Porto

Cantos tradicionais nas missas

Embora o canto gregoriano e a polifonia sacra tradicional da liturgia católica estejam “um pouco esquecidos”, padre Maciel vê melhoras na música litúrgica do Brasil. “Hoje, nós temos escutado muitos bonitos coros diocesanos e até paroquiais que têm retomado o estilo da polifonia sacra”, que “tem dado uma entonação muito mais bonita nas nossas missas”.

Para Delphim Porto, “o canto gregoriano, a polifonia sacra, devem ser avaliados a partir de um contexto mais estrito de uso litúrgico e ritual, e não apenas como um grande adorno museológico ou de arqueologia, mas sim, como o grande repertório sacro que se desenvolveu e legou à Igreja latina um verdadeiro patrimônio que foi resguardado por tantos séculos”.

Para o musicista, “a música em nossas paróquias precisa ser orientada por um sentido genuinamente pastoral, em vez de buscar títulos que expressem algo extraordinário ou desvinculado desse objetivo”.

Fonte: ACIDigital

Sete santos e personagens bíblicos que foram músicos



Wikipedia CC BY-SA 3.0

Por Yhonatan Luque Reyes

1) Santa Cecília

Santa Cecília foi uma mártir cristã que sofreu por causa de sua fé no início do século III.

Apesar de Cecília querer consagrar sua virgindade a Deus, seu pai a ofereceu em casamento a um pagão. No dia do casamento, enquanto os músicos tocavam na festa, ela preferiu louvar a Deus com canções que lhe vinham do coração.

Por isso, todo dia 22 de novembro, dia de seu martírio, o mundo inteiro comemora o dia do músico.

2) São Tomás de Aquino

São Tomás de Aquino, além de ser padre da Igreja e um dos maiores teólogos da história do cristianismo, foi também o autor de cinco hinos eucarísticos amplamente utilizados nas atividades litúrgicas católicas.

Entre eles, destaca-se o *Pange Lingua*, hino eucarístico composto especialmente para a festa de *Corpus Christi*.

Atualmente, as duas últimas estrofes do cântico *Tantum Ergo* são cantadas durante a reserva eucarística da Quinta-feira Santa.

3) Rei Davi

Davi, "o doce cantor de hinos de Israel" (2 Samuel 23,1), é um dos maiores músicos do Antigo Testamento.

Na Bíblia é dito que o rei Saul contava com Davi para tocar sua cítara sempre que se sentia atormentado por um espírito maligno.

4) Jubal

Este personagem bíblico é mencionado no Antigo Testamento como um dos descendentes de Caim.

O livro de Gênesis o descreve como o ancestral daqueles que tocam lira e flauta (Gn 4, 21)

5) Santo Afonso Maria de Ligório

O doutor da Igreja, conhecido por obras como "As Glórias de Maria" e "Tratado de Teologia Moral", foi também um músico virtuoso desde pequeno.

Ele praticava cravo três horas por dia e tornou-se especialista neste instrumento aos 13 anos.

6) Beato Carlo Acutis

O beato Carlo Acutis, além de seu conhecido amor pela programação e pelos videogames, também cultivou o amor pela música, especialmente ao saxofone que aprendeu a tocar sozinho.

7) Santa Maria Crescencia

Maria Crescencia Hoss era uma franciscana alemã com uma voz tão prodigiosa que até os protestantes assistiam à missa só para ouvi-la cantar.

"Deus deu a ela uma bela voz. Quando menina cantava como solista no coro, não para brilhar para si mesma, mas para cantar e tocar para Cristo Rei", disse São João Paulo II durante a homilia na missa de canonização de Maria Crescencia Hoss.

Fonte: ACIDigital

História da solenidade de Cristo Rei e da primeira igreja em sua homenagem

Crédito: Boston e John Stephen Dwyer (Wikipedia CC BY-SA 3.0)

Por Redação central



A solenidade de Jesus Cristo Rei do Universo, que será celebrada neste domingo (23), também é conhecida como festa de Cristo Rei ou Domingo de Cristo Rei.

Embora o conceito de Jesus Cristo Rei seja tão antigo quanto os Evangelhos, a festa é recente no calendário católico romano.

A festa foi introduzida no calendário litúrgico ocidental em 1925 pelo papa Pio XI, através da encíclica *Quas Primas*. O papa Pio XI estava prestes a encerrar o ano jubilar de 1925 no contexto do

crescente nacionalismo secularista que se seguiu à queda dos reinos europeus após a Primeira Guerra Mundial, e decidiu estabelecer a solenidade para marcar um rei “cujo reino não haverá fim”.

A primeira paróquia do mundo a ser consagrada em honra de Nosso Senhor Cristo Rei foi estabelecida pelo papa Pio XI não na Europa, mas em Cincinnati, Ohio, EUA, em 1926.

“Os 225 fiéis que assistiram à primeira missa de Nosso Senhor Cristo Rei, em 5 de dezembro de 1926, personificaram a essência do que significa ser 'igreja'. Sem tijolos nem argamassa própria, esta reunião de fiéis colocou a sua fé na Providência e celebrou as primeiras liturgias num ambiente humilde”, lê-se num **relato** publicado no site da paróquia.

“Não havia eletricidade para a primeira Eucaristia, então a sala foi iluminada pelos faróis dos carros estacionados. O pároco, padre Edward J. Quinn, um ex-capelão da Primeira Guerra Mundial, vestiu seu traje de missa do exército”, continuou.

A igreja atual, construída na década de 1950, foi projetada pelo famoso arquiteto de igrejas Edward J. Schulte no que é conhecido como estilo “brutalista”.

Embora a primeira paróquia a ser dedicada a Cristo Rei tenha sido nos EUA, alguns padres americanos originalmente tiveram dificuldade em explicar a nova solenidade no contexto do patriotismo protestante, que desaprovava reis e reinos em oposição à democracia como a forma mais perfeita de governo.

Uma passagem importante da encíclica *Quas Primas* forneceu aos pregadores católicos uma boa explicação: “Este reino (de Cristo) é espiritual e tem a ver com coisas espirituais... Os evangelhos apresentam este reino como aquele no qual os homens se preparam para entrar pela penitência, e não podem realmente entrar exceto pela fé e pelo batismo, que, embora seja um rito exterior, significa e produz uma regeneração interior. Este reino opõe-se ao reino de Satanás e ao poder das trevas. Ele exige de seus súditos um espírito de desapego das riquezas e das coisas terrenas, e um espírito de mansidão. Eles devem ter fome e sede de justiça e, mais do que isso, devem negar a si mesmos e carregar a cruz”.

O papa Pio XI estabeleceu que a festa deveria ser celebrada no último domingo de outubro e, portanto, acontecer sempre antes da celebração da solenidade de Todos os Santos. Mas no novo calendário litúrgico de 1970, sua observância do rito romano foi transferida para o último domingo do Tempo Comum. Por isso, pode acontecer entre os dias 20 e 26 de novembro. Fonte: ACIDigital

-----.